

A imigração galega no Rio de Janeiro através de arquivos pessoais do município de Santa Comba (séculos XIX e XX): trajetórias, cadeias migratórias e redes familiares

The Galician immigration in Rio de Janeiro through personal files of the municipality of Santa Comba (XIX and XX centuries): trajectories, migratory chains and family networks

Érica Sarmiento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
PPGH Universidade Salgado de Oliveira
erisarmiento@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende abordar, de maneira sucinta, a história da emigração galega para o Rio de Janeiro (séculos XIX e XX), enfatizando os fatores explicativos microsociais, tais como as cadeias migratórias e o papel dos retornados, a partir do município de Santa Comba, localidade de intensa emigração ao Rio de Janeiro. A análise do fenômeno migratório, através de uma abordagem baseada no âmbito municipal, foi realizada a partir do uso de fontes pessoais localizadas no arquivo privado da família Mouro. O acervo, formado por cartas e objetos como a agenda pessoal de Francisco Mouro e algumas escrituras de bens familiares, possibilitou conhecer relações e vínculos preservados entre os vizinhos de Santa Comba e identificar os destinos de emigração da região. As cartas e os documentos descrevem e revelam as lembranças, os anseios e o controle de um grupo de emigrantes que, mesmo a distância, continua exercendo o comando e impondo a sua autoridade nos seus lugares de origem.

Palavras-chave: Emigração; Arquivos pessoais; Galego; Santa Comba; Rio de Janeiro.

Abstract: The article aims to address, briefly, the history of the Galician emigration to Rio de Janeiro (XIX and XX century), emphasizing the microsocial explanatory factors such as migratory chains and the role of returnees, from the municipality of Santa Comba, locality of intense emigration to Rio de Janeiro. The analysis of migration, through an approach based on the municipal level, was held in this article, from the use of personal sources, located in the private archive of Mouro family. The collection, made up of the letters and objects like personal agenda Francisco Mouro and some family property deeds, allowed to know the relations and ties between the neighbors preserved of Santa Comba and identify the destinations of emigration from the region. The letters and documents describe and reveal the memories, wishes and the control of a group of migrants who, even in the distance, continues to exercise command and imposing their authority in their places of origin.

Keywords: Emigration; Personal files; Galician; Santa Comba; Rio de Janeiro.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2015

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2015

A história da emigração de Santa Comba – município pertencente à província de A Coruña, na Galiza – para o Rio de Janeiro, origina-se, precocemente, na segunda metade do século XIX, e os fatores explicativos para a escolha do destino estão diretamente vinculados aos primeiros deslocamentos desses galegos às terras portuguesas. Havia uma tradição migratória que, de certa forma, ignorava as fronteiras entre os municípios portugueses e galegos e transformava a região em um local de grande circulação de fluxos migratórios sazonais e de longa duração. A partir da segunda metade do século XVIII, Portugal passou a ser um destino preferencial para os muitos imigrantes da península, que buscavam nas atividades agrícolas, nos ofícios e nos serviços urbanos uma forma de complementar a renda familiar. Segundo Ofelia Rey Castelao, acerca das migrações que envolviam a Península Ibérica:

Sabermos que en Castilla, Andalucía o en el Norte de Portugal existía demanda de segadores e vendimiadores. Y a esa tarea se incorporaban los gallegos que se dirigían a zonas rurales en número que no se puede precisar. De los que iban a las ciudades [...] eran servidores domésticos y aguadores en Madrid, como aguadores también y como asalariados en los núcleos urbanos de Entredouro y Minho[...] Finalmente en Andalucía se integran en el servicio doméstico o urbano, en las actividades portuarias, o bien ejercen como canteros, marineros y pescadores.¹

No que diz respeito à chamada emigração *intrapeninsular*, ou seja, aquela que circulava no interior da Península Ibérica, o município de Santa Comba dirigia-se, majoritariamente a Portugal, elegendo algumas cidades lusas como destino preferencial. Segundo os estudos do historiador Baudilio Barreiro Mallón, especializado na jurisdição de Xallas,² os emigrantes vão diretamente à cidade do Porto para trabalhar como moços de serviço, porque é a única forma capaz de absorver um número elevado de empregos temporários e de ambulantes. Entre os anos de 1757 e 1784, a porcentagem de 18% dos varões casados havia ocorrido em Portugal:

Las preferencias a la hora de elegir destino se las lleva Portugal ampliamente sobre Castilla. En porcentajes correspondería el 86 % a Portugal y el 14 % a Castilla. A Portugal van como mozos de servicio en sus múltiples variantes: por eso Portugal equivale a decir Oporto, única ciudad que puede absorber un número elevado de empleos temporales y callejeros. Allí trabajan de aguadores, recaderos y mozos de mercado. A Castilla van, en cambio a trabajar en el campo, a las labores de siega y tal vez de esquileo y carboneo.³

A diversificação das atividades do município de Santa Comba, que perpassava as tarefas domésticas e agrícolas, possibilitou e fortaleceu a emigração para Portugal. Apesar das famílias galegas encontrarem o seu sustento na agricultura, havia algumas atividades complementares que predominavam, segundo a região, e contribuíam para o incremento da economia doméstica. No caso da região de Xallas, foi o trabalho dos arrieiros que desempenhou função importante no complemento da renda familiar e agrícola. Através dos transportes de mercadorias, principalmente de cereais, sal, vinho, carvão e areia, os camponeses extraíam os recursos necessários para pagar seus impostos e cobrir o déficit das colheitas.

¹ REY CASTELAO. Ofelia Movimientos migratorios en Galicia, siglos XVI-XIX. EIRAS ROEL. A. & REY CASTELAO. Ofelia (eds.). *Migraciones internas y médium-distance en la Península Ibérica, 1500-1900*. Xunta de Galicia: Santiago, 1994. p. 106.

² Santa Comba é a capital da comarca de Xallas, situada na Galiza Norte ocidental. A comarca de Xallas é constituída por somente dois municípios, os concelhos de Santa Comba e de Vimianzo.

³ BARREIRO MALLÓN, Baudilio. *La jurisdicción de Xallas en el siglo XVIII. Población, Sociedad y economía*. Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela: Santiago de Compostela, 1978. p. 253-254.

Levavam as mercadorias a várias cidades galegas, como Santiago de Compostela ou Pontevedra e, muitas vezes, se deslocavam até as fronteiras de Castela e de Portugal com o intuito de vender vinho e outros produtos da região.⁴

O comportamento migratório (os deslocamentos internos pela Península Ibérica) descrito brevemente nos parágrafos acima, foi importante para a consolidação dos posteriores deslocamentos transatlânticos da região de Xallas, mais especificamente para o caso da emigração de Santa Comba para o Rio de Janeiro.⁵ A partir da tradição migratória dos portugueses para o Brasil, os galegos que mantiveram contatos com a fronteira lusa, ao longo do século XIX, vivenciaram a experiência indireta do “fazer as Américas”. Portugal foi a ponte, em princípio imaginária, para que muitos cruzassem o oceano, a partir da segunda metade do século XIX. Nesse caso, os imigrantes retornados portugueses foram canais transmissores de máxima importância para a introdução de novos destinos dos fluxos migratórios.⁶ Eles fazem parte dos processos microssociais que, além dos fatores econômicos, condicionaram e motivaram os indivíduos a deixarem seus países de origem no período da Grande Imigração (1880-1930). As redes microssociais, as cadeias migratórias, muitas delas introduzidas pelos retornados, forneciam informações e possibilidades de inserção socioprofissional no lugar de destino, atraindo muitos patrícios através dos elos familiares, de parentesco e de vizinhança.⁷

A partir dessa perspectiva das tradições migratórias, abordaremos, neste artigo, de forma sucinta, os destinos de uma família do município de Santa Comba: a família Mouro, em que o patriarca e a figura central chama-se Francisco Mouro. Os arquivos familiares e pessoais de Francisco Mouro formam um acervo riquíssimo para os estudos migratórios e contribuem com elementos explicativos da história da emigração a partir de uma análise local.⁸

Como esclarece um dos maiores especialistas da emigração galega em relação à utilização dos documentos pessoais:

O que se adoita denominar o retorno do suxeito e da narración á historiografía académica traduciuse, dende a derradeira década do XX, nunha progresiva revalorización dos documentos persoais de natureza oral e escrita, como son os diários, autobiografías, epistolarios e fotografías familiares.⁹

No caso específico do nosso acervo, a documentação compreende cartas, fotos, anotações, escrituras notariais e a agenda pessoal do imigrante Francisco Mouro Castro. Para o campo dos estudos

⁴ BARREIRO MALLÓN, Baudilio. La jurisdicción de Xallas en el siglo XVIII. Población, Sociedad y economía. Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela: Santiago de Compostela, 1978. p. 440. Sobre a questão da terra na Galiza, ver FERNÁNDEZ PRIETO, Lourenzo. *Historia agraria da Galicia Contemporanea*. Vigo: Editora Xerías, 2000, entre outros autores.

⁵ SARMIENTO, Érica. *O outro Río. A emigración galega a Río de Xaneiro*. Santiago de Compostela-Santa Comba: 3C3 editores, 2006.

⁶ Para o caso dos retornados galegos, ver a obra de maior referência de NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Emigrantes, caciques e indianos*. Vigo: Editora Xerais, 1998.

⁷ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel & SOUTELO, Raul. *As cartas do destino. Unha familia galega entre dous mundos 1919-1971*. Galáxia: Vigo. 2005. p. 20.

⁸ A documentação foi cedida por Albina Mouro López, residente no lugar de Vilar (Santa Comba) e neta de Francisco Mouro. Santa Comba representa o município com maior contingente emigratório ao Rio de Janeiro. Para acompanhar o estudo desse concelho, ver a obra já citada SARMIENTO, Érica. *O outro Río. A emigración galega a Río de Xaneiro*. 3C3 editores: Santa Comba-Santiago de Compostela, 2006.

⁹ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel & SOUTELO, Raul. *As cartas do destino. Unha familia galega entre dous mundos 1919-1971*. Galáxia: Vigo. 2005. p. 28.

migratórios, as fontes pessoais nos permitem situar o emigrante no seu espaço de atuação, relação e influência; nos aproximam das suas estratégias, pautas e objetivos familiares, oferecendo a possibilidade de seguir de perto os seus passos. Outrossim, podemos analisar, com a nitidez que as estatísticas não oferecem, se a emigração se realiza de forma individual ou familiar e se a própria composição do grupo está formada por grupos de vizinhos ou núcleos familiares e as suas variações espaciais e temporais.¹⁰

Ao darmos início à análise dos arquivos privados da família de Francisco Mouro Castro pela leitura da correspondência trocada entre os familiares, observamos o deslocamento em direção a três países: Portugal, Brasil e Uruguai. Esses destinos não eram exclusivos da família Mouro, faziam parte das trajetórias de muitos vizinhos da região de Xallas, o que demonstra e confirma a tradição migratória de um concelho a determinadas localidades.

O pioneiro da emigração nas Américas, segundo os arquivos particulares, seria Segundo Costa Doval, sogro de Francisco Mouro Castro, que se encontrava, juntamente com a sua esposa, Albina Vieites Pazos, no município de Araraquara, no interior de São Paulo,¹¹ no século XIX. Aí nasceu a filha do casal, Albina Costa Vieites, no seio de uma acomodada família de fazendeiros. Na virada do século XX, o núcleo familiar retornou para a sua paróquia natal (Grixoa) e construiu a sua residência, permanecendo definitivamente no seu lugar de origem. Na documentação referente a Segundo Costa Doval, encontramos algumas escrituras que demonstraram que o irmão desse emigrante, Francisco Costa Doval, também havia estado no Brasil. As dívidas entre os irmãos chegavam ao valor total de 8 mil pesetas, quantia muito alta para a época, e deviam ser amortizadas com os bens adquiridos no Brasil.

El Segundo Costa se obliga de pagar a su hermano Francisco la cantidad de ocho mil pesetas, procedentes de cuentas liquidadas entre ambos, os sea, de todos los bienes que vendió al Segundo por las repetidas ocho mil pesetas [...] Si el Segundo no fue puntual en el pago, conciente que se dirija sanción ejecutiva contra todos sus bienes hasta percibir el Francisco las cantidades señaladas en los plazos convenidos.¹²

O trecho acima demonstra bem como os vínculos com a terra de origem se mantiveram, através da preservação ou da compra de propriedades na Galiza. As relações familiares continuavam se mantendo, seja através de laços afetivos, seja através das terras e dos bens deixados na Galiza. Os negócios eram realizados entre os membros da família e vizinhos, a partir do intercâmbio de propriedades em ambos os lados do oceano e conforme as necessidades econômicas e as perspectivas de retorno de cada indivíduo. Segundo Núñez Seixas e Soutelo, em relação à mentalidade galega:

Os emigrantes galegos arribaron ás cidades de América coa mentalidade familista e de solidariedade veciñal, ben típica de quen procedía dun medio rural que preservaba formas colectivas de xestión e propiedade da terra, así como sistemas de apropiación diferencial do traballo, baseados nas contraprestacións entre as

¹⁰ VAZQUEZ GONZÁLEZ, Alejandro. "O uso de fontes persoais para o estudio da emigración galega (1830-1930). Estado presente e perspectivas". Revista *Estudios Migratorios*, n.2, Dezembro de 1996. p. 139-175.

¹¹ Esse tipo de emigração para o interior do Brasil não era habitual em Santa Comba nem na Galiza de uma forma geral. Não descartamos a possibilidade de emigração às zonas rurais, mas os estudos sobre o tema referem-se quase que exclusivamente aos andaluzes em São Paulo, devido à maior presença dessa coletividade nas plantações de café. Desconhecemos o ano em que emigrou Segundo Costa Doval para Araraquara assim como o ano de retorno para Santa Comba.

¹² Essa documentação não possuía nenhuma referência. Estava escrita à mão, firmada pelos irmãos Segundo e Francisco Costa Doval e por mais duas testemunhas, vizinhos do lugar de Vilar. Equivale a uma escritura de obrigação, datada do dia 18 de maio de 1910, com testemunhas presenciais, mas não consta o registro em nenhum cartório.

famílias veciñas dunha mesma localidade, razón pólo que os escenarios locais (aldeas, freguesias e bisbarras) eran marcos inmediatos e básicos de interacción social.¹³

Na Galiza do século XIX, a organización da propiedade da terra, dentro do entendimento burguês de posseção plena e absoluta de um bem, não era algo frequente. Segundo Ramon Villares, grande especialista da história galega:

[...] seguia vixente, pola contra, um modo de se organizar a propiedade que definimos como sistema foral e que comporta a pluralidade de dereitos sobre dunha mesma peza territorial. Esta dicotomia entre diferentes dereitos ou dominios (directo e útil) significa que, parcialmente, se perpetuara em Galicia a concepción feudal da propiedade territorial, ao manter unha vía xurídica para a drenaxe do excedente agrário desde os traballadores da terra (dominio útil) aos rebistas ou preceptores de renda (dominios directos). A permanência do foro, supón, por tanto, que as rendas agrarias non derivan de arrendos curtos ou aparcerías, senón de velas prevalências xurídicas sobre a terra que a crise do Antigo Rexime non esborrallara.¹⁴

A terra na Galiza era um bem precioso e escasso disputado em pequenos espaços entre muitas famílias numerosas. A emigração trazia a possibilidade, para que os que conseguiam retornar com algum capital, de comprar ou ampliar as parcelas de terras. No caso do emigrante Segundo da Costa Doval, ele comprou as propriedades do irmão no Brasil e não reemigrou, adquirindo terras no seu município de origem. Sua intenção era voltar para a paróquia de Grixoa com a esposa e a filha nascida no Brasil.¹⁵

A confirmação da permanência do imigrante na Galiza encontramos em duas escrituras, uma do ano de 1903 e outra do ano de 1913. Na primeira, aparecem três possíveis parentes de Segundo Costa declarando que não tinham nenhum direito sobre as obras realizadas na parte norte da casa principal, edificada “por cuenta de Segundo Costa en el valor de setecientos cincuenta pesetas que adquirió en el imperio del Brasil”.¹⁶ Já no segundo documento, encontramos uma licença concedida pela prefeitura de Santa Comba autorizando a edificação de uma casa de nova planta no terreno de propriedade de Segundo Costa Doval, no lugar de Vilar, paróquia de Grixoa.

No contrato das obras, os canteiros e carpinteiros receberam 4 mil pesetas para construir a casa. Pela descrição dos materiais utilizados, a residência possuía vários compartimentos, já que “dicha casa leva quince luces por la parte exterior del edificio segun el plano que obra en poder de los otorgantes y por la parte interior también constan en el mismo plano [...] entendiéndose que las luces de la planta baja han de ser dobles y cintadas a con plancha de hierro”.¹⁷ Uma casa de pedra com balcão, madeira de pino e um mestre de canteria e capintaria; um luxo que nem todos os camponeses podiam se permitir.

Segundo Costa emprestou dinheiro a parentes que estavam emigrados. Uma parte da família encontrava-se no país vizinho: Portugal. A tia da esposa de Segundo Costa, chamada Carmen Pazos Casanova, trocou várias cartas, na década de 30, desde cidade do Porto, e recebeu dinheiro da sobrinha

¹³ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel & SOUTELO, Raul. *As cartas do destino*. Unha familia galega entre dous mundos 1919-1971. Galaxia: Vigo. 2005. p. 30.

¹⁴ VILLARES, Ramón. A agricultura galega, 1870-1930. Unha época de grandes transformacións. In: FERNÁNDEZ PRIETO, Lorenzo. (ed.). *Historia agraria da Galicia contemporânea*. Texto escrito em galego.

¹⁵ Muito contribuíram para corroborar e ampliar as informações do acervo familiar, as entrevistas realizadas com a bisneta, Albina Mouro, neta de Francisco Mouro. Ver a nota 8.

¹⁶ Acervo pessoal de Albina Mouro. Documentação não identificada.

¹⁷ Idem.

através de um intermediário chamado Antonio Gracia Camaño, que andava entre a cidade do Porto e Santa Comba. É provável que Carmen Pazos levasse bastante tempo vivendo Portugal, pois as cartas estavam redigidas em português. Entretanto, não podemos descartar o fato da missiva ter sido escrita por um dos seus filhos.

Porto, 22- 1935

Estimo que estejas bem, assim como a Bininha (**a filha da sobrinha**) e os meninos, que nós estamos na forma do costume. Sobrinha, saberás em como chegou a esta o Antonio Camanho e me entregou 20 duros e eu pedi-lhe o favor de me dar mais 10 e ele deu-mos.

[...]

Eu peço-te de todo coração para que venhas para o mês que vem para liquidarmos essas coisas porque tenho medo de morrer sem poder descansar com tigo [...] Se não vieres manda-me se poderes alguma coisa para fazer um fatinho ao Afonso (**filho de Carmen Pazos**), porque precisa muito dele e manda um bilhete para eu entregar ao seu Camanho isto, isto é, se resolveres mandar alguma coisa para ajuda [...] Quando escreveres põe a direção do Afonso para não abrirem a carta [...] lembranças [...] e muitas saudades desta tua tia e madrinha que deseja ver-te, de coração.

Carmen Passos¹⁸ (Grifo da autora)

Nas cartas, a tia sempre deixava registrada, ainda que de forma indireta, a sua precariedade econômica. Dirigia-se, então, à sobrinha, a quem sempre solicitava alguma ajuda econômica. Entretanto, o intermediário entre as duas parentes, Antonio Camaño, advertia a Albina Vieites Pazos, sobre o comportamento da sua família em Portugal:

Porto, 10 Julio 1935

Sobre lo que hablamos de dar tanto y cuanto por las 2 fincas, pues que yo siento que fue Francisco esto no quiero que nade lo sepa ni que yo le escribo esta carta también le es cierto que tanto su tia como su hijo Francisco estan un poco diferentes que debido a esta cosas [...]

Carmen Passos¹⁹

A emigração para o Brasil continuou sendo um dos destinos desejados, no começo do século XX, por essa família, quando a filha do casal Segundo Costa Doval e Albina Vieites, também chamada Albina como a mãe, casou-se com Francisco Mouro Castro, um vizinho da paróquia de Alón, que, em uma de suas viagens de retorno à Santa Comba, conheceu a sua prometida. Os sogros, ao ver aquele “brasileiro” bem-vestido, imaginaram ser um emigrante enriquecido e, rapidamente, trataram de arrumar o casamento com a sua filha.²⁰ Eles não conheciam a trajetória daquele retornado, de nome Francisco Mouro, mas sim conheciam o Brasil e as possibilidades de ascensão que brindavam o país.

A trajetória de Francisco Mouro rumo à América inicia-se no dia 27 de setembro de 1906, quando

¹⁸ Carta de Carmen Pazos Casanova e Albina Vieites Pazos, no dia 22-?-1935, desde a cidade do Porto. O Número total de correspondências trocadas entre os familiares que estavam na cidade portuguesa do Porto e a família de Vilar (Santa Comba) resume-se a sete, todas do ano de 1934 e 1935. Toda a documentação exposta nesse item pertence ao Arquivo familiar de Albina Mouro López, Vilar, Santa Comba.

¹⁹ Carta de Antonio García Camaño (Porto-Portugal) a Albina Vieites Pazos (Vilar-Santa Comba), no dia 10 de julho de 1935.

²⁰ As informações fazem parte de várias entrevistas realizadas com Albina Mouro López, durante o ano de 2003, no lugar de Vilar (Santa Comba), quando cedeu o seu arquivo familiar para essa investigação. Segundo depoimento de Albina: “mis bisabuelos cuando vieron a mi abuelo, de traje, bien vestido, pasando sus vacaciones en Santa Comba, pensaron que era rico, pero de aquella, aun no tenía mucho”.

tinha apenas 17 anos de idade. Até o ano de 1919, entretanto, a vida desse emigrante esteve marcada por um constante trânsito entre as cidades do Rio de Janeiro e de Montevideu. Podemos observar, através da agenda pessoal do emigrante, a cronologia das suas viagens:

Francisco Mouro Castro salio de España el día 27 de septiembre de 1906. Llego al Rio de Janeiro el 16 de octubre de 1906. Embarco para Montevideo el 30 de julio de 1909. Llego a Montevideo el 4 de agosto del mismo año se establecio el 10 de agosto de 1912. Vendió el 22 de septiembre de 1913. Embarque de Montevideo para Espana el 24 de marzo de 1914 y de España á Rio de Janeiro el 8 de septiembre de 1914, de Rio para Montevideo el 6 de abril de 1915, de Montevideo para el Rio el 13 de septiembre de 1915, de Rio para Espana el 11 de abril de 1919, de España á Rio el 30 de octubre de 1919.²¹

A agenda de Francisco Mouro contém valiosas informações, como as relações estabelecidas com os seus compatriotas e os empréstimos realizados, com nomes e cifras, daqueles que lhe deviam dinheiro. Até o ano de 1919, os empréstimos foram realizados tanto no Rio de Janeiro como em Montevideu, o que comprova as relações consolidadas em ambos os países. Em 1910, Francisco concedeu empréstimos a três patrícios que estavam no Brasil e, no mesmo ano, a outro que vivia no Uruguai. De forma metódica, ele anotava todos os seus gastos, as compras, as encomendas dos vizinhos, os lucros recebidos e a quantia dos empréstimos. As remessas que enviava para a sua família começaram a girar no ano de 1908, quando, através do Banco do Minho, localizado no Rio de Janeiro, autorizou o envio de um cheque no valor de 400 pesetas no mês de janeiro, e outro, no valor de 750 pesetas, no mês de junho, destinadas a André Mouro Castro (seguramente o pai do emigrante). Os cheques que apareceram a partir da década de 1920 foram dirigidos ao sogro, Segundo Costa Doval, em valores superiores a 1000 pesetas. A família, esposa e os filhos residiam na Galiza e, desde o Rio de Janeiro, Francisco mantinha a sua esposa e os filhos em Santa Comba.

No caso específico da Galiza, as remessas oriundas da América foram um complemento da economia camponesa familiar. Segundo Núñez Seixas, o envio de dinheiro na Galiza era mais visível que o tráfico de ideias e ia muito além da iniciativa individual e do espaço familiar: “Os emigrantes, quer de forma colectiva e coordenada, quer de xeito individual e filantrópico, financiaron grande número de obras públicas en diversos puntos de Galicia”.²²

Francisco Mouro Castro iniciou as suas atividades no Rio de Janeiro trabalhando como cobrador da Companhia de luz “Light”. Ao longo da sua vida preservou sempre os vínculos com o seu lugar de origem; levava encomendas, cartas e objetos, servindo de intermediário entre Santa Comba e Rio de Janeiro. Na sua agenda, aparecem diversas anotações com nomes de compatriotas e de vizinhos da sua aldeia. Os patrícios recorriam às mais diferentes necessidades: queriam enviar presentes para os familiares, precisavam de empréstimos para pagar as suas dívidas ou simplesmente desejavam informações daqueles que haviam permanecido na Galiza:

²¹ Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba), agenda de Francisco Mouro Castro. Todas as citações utilizadas ao longo deste artigo referentes à agenda de Francisco Mouro foram copiadas na íntegra, respeitando a grafia original.

²² NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Emigrantes, caciques e indianos*. Vigo: Editora Xerais, 1998. p. 48.

Juan Lema Souto: 1 par de zapatos para la chica y par de brincos para Andréa e 25 pesetas para su madre, um peso para Lino um para Lelo

José Gerpe Rial Outeiro: 1 nabalha, 1 tigeria, 1 carta

Teresa Quintáns: um enbrulho para su hermana Estrella

Jesús Ameijeira: 1 carta para su padre.²³

Através das anotações de Francisco Mouro Castro, podemos observar o contato entre os vizinhos do mesmo concelho e a atividade profissional exercida por muitos deles. Em maio de 1957, Francisco deixou registrado na sua agenda que José Otero Abelenda passou uma procuração para que ele, Francisco, administrasse as propriedades de Abelenda no Rio de Janeiro. Não somente isso, com a procuração, Francisco passaria a receber os aluguéis e a movimentar o dinheiro que estava depositado numa conta no Banco Novo Mundo, no Rio de Janeiro. As propriedades descritas eram pelo menos quatro, que acreditamos fossem imóveis alugados, já que havia contratos de arrendamentos.²⁴

Na agenda do emigrante, aparecem os bens que possuía na Galiza e no Rio de Janeiro, além do nome e das medidas de todas as fincas de Santa Comba. Cuidadosamente, ele tomava nota de todos os gastos feitos com a compra de imóveis localizados em algumas ruas cariocas:

Uma quarta parte na Hospedaria á Rua do Costa, nº 81 em dinheiro no The National City Bank of New York, 3:277\$800.

Em 15 de julio de 1930 um predio no Meyer á Rua Catumbi, nº 266.

Lucros da Rua do Costa ano de 1924: junho: 389 300; julho: 401 000; etc.²⁵

Na família de Francisco Mouro, ele não foi o único que optou pelo caminho da emigração. Os seus irmãos, José e Antonio Mouro Castro, também escolheram o Brasil como país de destino. O primeiro, José, foi para o estado do Pará e o segundo dirigiu-se para o Rio de Janeiro, dois destinos importantes e que marcaram a tradição migratória do Concelho de Santa Comba.²⁶ José Mouro Castro não teve a mesma sorte dos seus irmãos que foram para o Rio de Janeiro. Faleceu no ano de 1907, supostamente no Pará. Já Antonio Mouro Castro, trabalhou de cozinheiro no “Hotel Araújo”, na Central do Brasil, mas não continuou no Rio de Janeiro. Em 1952 estava na sua aldeia chamada “Couto”, pertencente à paróquia de Alón, junto com a sua esposa e os seus filhos. Nessa mesma época, Antonio enviou uma procuração para seu irmão Francisco, concedendo-lhe amplos poderes para administrar o que havia deixado no Brasil. Quando faleceu em 1956, os sobrinhos reivindicaram os bens que estavam no Rio de Janeiro. O responsável por enviar as notícias era o sobrinho José Mouro Trigo, que tinha um cargo público de secretário do Concelho.

²³ Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba), agenda de Francisco Mouro Castro.

²⁴ O Banco Novo Mundo pertenceu a uma família de emigrantes galegos e o seu fundador se chamava Victor Fernández Galego, original do concelho de Tui (Pontevedra).

²⁵ Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba), agenda de Francisco Mouro Castro.

²⁶ A emigração para o Pará, que conhecemos até a segunda década do século XX, não foi tão representativa como a que sucedeu no Rio de Janeiro. Ver: SARMIENTO, Érica. *O outro Río. A emigración galega a Río de Xaneiro*. 3C3 editores: Santa Comba-Santiago de Compostela, 2006.

Couto, 27-12-1957

Sr.D.Francisco Mouro Castro

Querido tio: en la última carta que recebi de usted me decia que en el plazo de dos meses pensaba tener liquidado lo de mi tio Antonio y no es que yo tenga prisa, pero es Maria quien me esta apurando con lo de la partija, pues quieren darle a cada uno lo que le pertenece por su padre, ya que unos se quejan de que los otros ya estan arreglando su vida, mientras ellos miran y esperan, teniendo razón, en cierto modo, por eso espero que ala mayor brevedad, procure resolver eso y mandarme el resultado, pues esta situación los trae un poco desorientados.

José Mouro Trigo²⁷

As remessas que mandava Francisco Mouro do Rio de Janeiro para os seus sobrinhos representavam uma soma bastante significativa para a época: 200 mil pesetas. A família começava a pressioná-lo para que acelerasse os trâmites, já que a situação de tensão entre os herdeiros aumentava e os bens deveriam ser logo divididos.

Couto, 21-02-58

Mi querido tio: tenemos mucha necesidad de que nos mande cuanto antes la liquidación del inventario, y Maria, quiere le gireis 200.000 pesetas pues según dicen cada vez se pondrá mas caro el cambio al adelantar el año, según el costumbre.

Por los vecinos Maria manda una botella de coñac para usted y yo um tarro de aceitunas; Juan una de anis para Manolo y yo una corbata.

Repito que es de toda necesidad última lo del inventario, porque el plazo del albarcargos de Mari y mio es solo de un año, y ya tuvimos que pedir otro al Juez de Primera Instancia, pudiendo ser que, pasado este, el Juez no conceda otro, y, como quiera que los cuñados no están nada de acuerdo, pudiera surgir un conflicto entre ellos [...].

José Mouro Trigo²⁸

Nesse epistolário familiar, até a presente página, percebemos algumas questões importantes para os estudos migratórios desse município. A primeira seria, como comentamos nas linhas acima, a tradição da migração para Portugal como um destino preferencial dos habitantes de Santa Comba. A segunda questão diz respeito às remessas e ao apoio econômico que as famílias melhor sucedidas prestavam aos parentes que estavam fora do lugar de origem. Por último, as redes de solidariedade que se formavam através de intermediários que levavam e traziam as notícias dos que estavam longe. Analisando as cartas desse núcleo familiar, percebemos o quanto elas têm a dizer sobre as relações sociais, as trajetórias individuais e familiares e os sentimentos, as crenças e as dificuldades daqueles que deixaram suas comunidades natais, principalmente os que foram “fazer a América”, no período histórico da Grande Imigração.²⁹

Seguindo a trajetória da família Mouro, a partir dos seus arquivos pessoais, percebemos a

²⁷ Cartas do arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba). As correspondências referentes a Santa Comba e Rio de Janeiro formam um conjunto de 13 cartas. Desse total, três são do sobrinho José Mouro Trigo (da paróquia de Alón) para o tio Francisco Mouro Castro, ausente do Rio de Janeiro, entre os anos de 1957 e 1958. As restantes, são cartas entre Francisco Mouro Castro e sua esposa, Albina Costa Vieites, e seus filhos Segundo e Manoel Mouro Costa, também do mesmo período. Todas as cartas reproduzidas neste artigo apresentam a grafia original.

²⁸ Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba).

²⁹ SEYFERTH, Giralda. Cartas e narrativas biográficas no estudo da imigração. In: DEMARTINI, Zeila Brito Fabri & TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. (Orgs.). *Estudos Migratórios. Perspectivas metodológicas*. São Carlos: Edufscar, 2005. p. 19.

continuidade da “ponte” Santa-Comba-Rio de Janeiro na chamada Segunda Imigração (1950-1970). O patriarca Francisco Mouro Castro, na década de 1950, convocou o filho, Manuel Mouro Costa, para cruzar o Atlântico e iniciar o seu aprendizado nos negócios familiares no Brasil.

O vínculo com o lugar de origem, através das propriedades e da família que permanecia na Galiza, era exercido também pelo controle do patriarca. Mesmo a distância, o emigrante contava com mecanismos de controle, decidindo o destino dos filhos e da esposa. Em uma das correspondências trocadas entre o núcleo familiar de Francisco Mouro, com data do ano de 1957, o filho mais velho, Segundo Mouro Costa, que permaneceu na Galiza junto com a mãe, confessa ao pai sua preocupação com o irmão mais novo:

Vilar 8/4/57

Sr. Don Francisco Mouro Castro

La intención de Manolo era casarse antes de marchar porque dice que la rapaza lê gusta u que preferia casarse y dejarla aquí en nuestra casa que el de mejor gana preferia vivir aquí en el pueblo y claro que para marchar soltero, son años que tiene que tirar sin esperanza ahora que el nos dijo esto, a mim y a mama, pero que le escribieramos a Vd. que el no hace nada sin orden de todos, a mi no me gusta contrariarle la idea y ella es buena chica y de buena familia, pero si su obligación es darle un consejo y Vd. verá la mejor forma que a lo mejor también al llegar a esa si le da bien el país piensa en llamarla para esa, ella es la del zapatero de Travesas pero de esto no lo sabe nadie. Sin outro particular recuerdo de todos de casas y recuerdos de los niños y de mi recibe un abrazo de su hijo.

Segundo Mouro³⁰

O pai responde a carta, decidindo o futuro do filho:

Rio de Janeiro, 26 de abril de 1957.

Sr. Segundo Mouro Costa y familia hoy recebi la tuya que estais bem yo por esta y demais conosidos bien gracias.

Pues hijo interado de la carta hoy mismo os contesto para que en familia convinés de la mejor manera pues el día 8 le escribi a Manolo en este mismo sentido y con respecto á casarse y dejar la muger en nuestra casa eso yá de ninguna manera que ya fuimos bastante felices el caberen 2 mugeres en casa guntas que es raro y abiendo de benir debe aserlo soltero y que no precisa vir con miedo que viene para junto de mi y nada le faltará que tenia como saben 1 cuarto en la Hospedaria anda mejor que antes compre como ya os dige una 16 en un Hotel va muy bien, tengo señalado outra 16 e otro Hotel que abrir nosela parte que conseguiré estoy trabagando la partida y el casarse en este momento seria atrazar nuestra vida y suidarse el que lo haga mas tarde com conosimiento de causa y con quien el quiera pero desde que el se pueda dar una idea de la vida e como es el mundo yo no quiero culpas mas tarde pero si tengo el deber de dar un consego que aun que os parasa mentira estoy mas al tanto de la vida que ustedes todos guntos asi que se é para benir tambien no hay falta de estar perdiendo mas tiempo em Santiago [...].

Francisco Mouro Castro³¹

Os emigrantes, de forma geral, sabiam, através da sua experiência, dos anos que levavam para conseguirem consolidar a sua inserção socioprofissional. No caso dos galegos no Rio de Janeiro e para a emigração galega de forma geral, em muitas cidades receptoras desse contingente nas Américas, como Buenos Aires, La Habana ou Montevideú, temos o perfil, para o período da Grande Imigração, de um

³⁰ Correspondência de Francisco Mouro Castro. Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba).

³¹ Correspondência de Francisco Mouro Castro. Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba).

emigrante varão, jovem e com grande inserção no setor terciário.³² Segundo Núñez Seixas:

A comenzos do século XX, os galegos constituíran lexion entre os dependentes de comercio e propietarios de comercio minorista de Bos Aires, Montevideo e Habana. Mais, ao mesmo tempo, o aumento do número de inmigrantes tamén permitiu unha meirande diversificación do seu espectro ocupacional: ademais de mozos de corda, dependentes ou empregados do servizo doméstico, os galegos tamén serán obreiros portuários em Santos, repartidores de xornais em Montevideo e operários na construción dos camiños de ferro brasileiros.³³

Para deixar a terra natal, era melhor ir solteiro e jovem, sem “obstáculos” que prejudicassem os duros inícios da emigração. Foi assim que Francisco Mouro, numa das cartas que escreveu a sua família, do Rio de Janeiro, convenceu o filho mais novo a não se casar. Para emigrar, a condição de solteiro era primordial.

Rio de Janeiro, 26 de abril de 1957

Pues hijo interado de la carta hoy mismo os contesto para que em familia convinés de la megor manera pues el dia 8 le escribi a Manolo en este mismo sentido y con respecto a casarse y dejar la muger en nuestra casa guntas que ya fuimos bastante felices el caberme 2 mugeres en casa guntas y abiendo de benir debe aserlo soltero y que no precisa vir com miedo que viene para junto de mi y nada le faltará(...) e al casarse neste momento seria atrazar nuestra vida y suicidarse el que lo aga mas tarde con conocimiento de causa y con quien quiera pero desde que el pueda dar una idea de la vida e como es el mundo yo no quiero culpas mas tarde pero si tengo el deber de dar un conasego que aun que os paresa mentira estoy mas al tanto de la vida que ustedes todos guntos asi que se é para benir tambien no hay mas falta estar perdiendo tempo (...)

Francisco Mouro³⁴

Na carta, o patriarca da família afirma a sua posição: ainda que estivesse do outro lado do oceano, era ele que dava as ordens. Na aldeia, chamada Vilar de Céltigos, encontrava-se a esposa e os dois filhos de Francisco Mouro. Ele, do Rio de Janeiro, continuava controlando o destino dos membros da família e uma das suas preocupações era que o seu filho mais novo se casasse de forma prematura, prejudicando os planos traçados para ele: o de emigrar. O trecho acima reflete bem o problema da divisão das famílias galegas, das expectativas dos jovens que se viam frustrados pela tradição migratória e pela obrigatoriedade de seguir o caminho traçado pelos pais.

Por outro lado, estava a situação das mulheres galegas que permaneciam nas aldeias. Muitas delas não emigravam, mas faziam parte de uma sociedade afetada demograficamente e economicamente pelo fenómeno da emigração. A saída massiva de varões na Grande Imigração transformavam as galegas em partícipes indiretas. É o caso de Albina Costa Vieites, a esposa de Francisco Mouro. Durante a juventude, não conviveu com o marido; viam-se por temporadas, quando Francisco viajava para Santa Comba. O

³² Poderíamos citar muitas obras para o caso da imigração galega, mas para um panorama geral, ver: YÁÑEZ GALLARDO, César. *La emigración española a América (siglos XIX y XX)*. Colombres, Archivo de Indianos, 1994; FARIAS, Ruy (coord.). *Bos Aires galega*. Noia: Toxosoutos, 2010, ou a magistral tese de 2 volumes do saudoso Alejandro Vázquez; VÁZQUEZ, Alejandro González. *La emigración gallega a América, 1830-1930*. Tese (Doutorado). Universidade de Santiago de Compostela, 2 vol., 1999, entre outras obras relevantes.

³³ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel & SOUTELO, Raul. *As cartas do destino. Unha familia galega entre dous mundos 1919-1971*. Galáxia: Vigo. 2005. p. 22. Para o caso do Rio de Janeiro, ver: SARMIENTO, Érica. *O outro Rio. A emigración galega a Río de Xaneiro*. 3C3 editores: Santa Comba-Santiago de Compostela, 2006.

³⁴ Correspondência de Francisco Mouro Castro. Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba). Arquivo familiar de Albina Mouro (Vilar- Santa Comba).

comportamento da esposa era controlado por toda a vizinhança e as notícias do espaço doméstico chegavam, muitas vezes, distorcidas no além-mar. Na única correspondência que encontramos de Albina para seu marido Franciso, ela relata os seus problemas pessoais, recriminando as acusações do marido e a desconfiança acerca da sua conduta:

Vilar 23 de abril de 1957
Sr. Francisco Mouro Castro em Rio

Y se Manolo vió la carta ni supo cuando te la mande que me salten los ojos de cara pero las cosas son como se toman pues me dices que no sabes si los hijos seran tuyos pues pones una mano en el corazon y meditas a tu conciencia que son cosas algo pesadas pero Dios nos perdone todo dices que soy de la casta de los derrochadores que nunca te ace um centimo es verdad que te gaste mucho dinero desgraciada mente con la salud pero com otros vicios no gracias a Dios pero acuerdate que tienes un poder mio y con el puedes recuperar todo lo que te gaste en el tiempo que sea que no pienso sacartelo en la vida [...].

Sin más tedeseo muchas felicidades.

Albina Costa Vieites³⁵

A autoridade de Francisco Mouro não era contestada e todos os assuntos familiares giravam em torno de suas decisões. A própria introdução da carta demonstra um tratamento bastante formal, mantendo a distância, tanto por parte dos filhos como da esposa. Como muitas mulheres galegas, Albina Costa Vieites sofreu a ausência do marido e do filho mais novo, perdendo-os para a experiência migratória e para as decisões do chefe de família. Quando o marido regressou definitivamente em 1959, já com uma idade avançada, o filho mais novo passou a administrar os negócios no Rio de Janeiro. Maria Izilda Santos de Matos, em artigo intitulado “Cartas, correspondências e mensagens trocadas entre imigrantes espanhóis (São Paulo/Brasil)”, explica, em relação ao papel dos maridos, que, “apesar das distâncias, na correspondência se observa como os maridos se preocupavam e buscavam influir no cotidiano das propriedades, nos negócios, problemas com as terras, criação, assumiam um discurso de recomendação de como tratar, o que, para quem, quando e por quanto vender.”³⁶

A emigração galega, especialmente a do período da Grande Emigração, é um fenômeno majoritariamente masculino, o que não exclui a participação e a presença de muitas mulheres. O predomínio numérico do sexo feminino no local de origem foi uma das constantes demográficas desse período (1880-1930). As mulheres representavam entre 54% e 56% da população galega enquanto que, no conjunto das mulheres espanholas, elas atingiam 50% a 52% da população total. Segundo Vázquez, a tradicional divisão sexual e a demanda do mercado de trabalho dos países de imigração galega privilegiou a mobilidade da mão de obra masculina. Tudo isso unido a outras questões como o serviço militar obrigatório para os jovens varões, a divisão familiar da pequena propriedade e os obstáculos legais para a emigração feminina, discriminaram a mulher, limitando a sua participação no fluxo migratório galego-americano.³⁷

³⁵ Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba).

³⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. Laços de sangue: Cartas, correspondências e mensagens trocadas entre imigrantes espanhóis (São Paulo/Brasil). In: MENEZES, Lená Medeiros; SARMIENTO, Érica; MATOS, Maria Izilda Santos de; ROMERO VALIENTE, Juan Manuel & HIDALGO CAPITÁN, Antonio Luis. (eds.). *Migraciones Iberoamericanas. Las migraciones España-Brasil*. Huelva: Universidad de Huelva, 2013. p. 98.

³⁷ VÁZQUEZ, Alejandro González. La emigración gallega a América, 1830-1930. Tese (Doutorado em Economia).

(...) la estructura por sexos de la demanda laboral de los países a los que se dirigieron los gallegos y la tradicional y general división sexual del trabajo privilegió la movilidad de la mano de obra masculina. Esto unido a la obligatoriedad del servicio militar para los varones jóvenes, a la generalizada vinculación a la tierra que conlleva el estatus de tenencia o propiedad de pequeñas explotaciones agrícolas familiares y a las mayores trabas legales existentes en España respecto, entre otras actividades, a la emigración femenina, discriminaron a la mujer limitando su participación en el flujo migratorio gallego-americano.³⁸

O papel da mulher na emigração esteve presente nas tarefas domésticas, não só àquelas restritas ao espaço familiar, mas também nos lugares nos quais exerceu funções de empregada doméstica, lavadeira ou camareira. Ao lado dos maridos ou dos parentes, muitas delas, não só administraram o lar como contribuíram ativamente nos negócios familiares. Elas faziam parte da emigração quase que de uma forma silenciosa, acompanhando um contexto histórico onde a figura masculina era a que prevalecia e se destacava no mercado de trabalho.³⁹

Os emigrantes e as suas famílias estavam comunicados não só pelas cartas, mas também através dos retornados e dos vizinhos já assentados no Rio de Janeiro. Cada vez que alguém viajava para o Rio de Janeiro, levava as malas repletas de objetos e cartas, que diminuía a distância entre os dois países. A constante troca de correspondência e contatos entre os vizinhos demonstra a continuação de redes de solidariedade não interrompidas pela distância geográfica. São relatos de vida que contribuem com a perspectiva dos próprios protagonistas. Cada indivíduo tem um projeto de vida, mas esses projetos não estão desvinculados da sociedade receptora, ao contrário, as experiências interagem quando entram em contato com novas formas de pensar e agir e quando sofrem a influência do entorno e dos outros emigrantes. Os arquivos privados deixam vir à tona a conexão entre o lugar de origem e destino e a importância das cadeias migratórias e das redes de solidariedade que se renovavam ao longo do tempo.

As cadeias migratórias consistem em fatores explicativos, que indicam a escolha dos destinos de emigração e a incidência de fluxos, muito bem definidos, ao longo de décadas, em direção a determinadas localidades. A utilização de instrumentos analíticos como as cadeias migratórias, que possibilitassem o estudo em nível individual e familiar e o acompanhamento da evolução e da mobilidade socioeconômica do emigrante foi crucial para compreender os fatores explicativos do fenômeno migratório.⁴⁰ Santa Comba é um claro exemplo de município que manteve uma tradição migratória baseada em cadeias.

A circulação de informação entre Santa Comba e Rio de Janeiro pôde ser constatada no arquivo familiar:

Universidade de Santiago de Compostela, v. 2, 1999. p. 165.

³⁸ *Idem*.

³⁹ Essa invisibilidade é facilitada também pelas fontes e pelas estatísticas oficiais relacionadas com a imigração. Por exemplo, nas listas de embarque dos vapores que desembarcaram no porto do Rio de Janeiro, localizadas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, quando aparecem as ocupações dos emigrantes, só aparecem dados como “donas de casa” ou “agricultoras”. Esta última ocupação certamente condiz com as tarefas das mulheres galegas ou espanholas no seu lugar de origem. Outras fontes, como as associações étnicas, somente registram nos seus livros de matrícula o nome dos chefes de família, ou seja, dos homens.

⁴⁰ DEVOTO, Fernando. Algo mais sobre las cadenas migratórias de los italianos a la Argentina. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, ano 6, n. 19, dez. 1991. p. 323-343.

Vilar 3/6/57

Sr.Dn.Francisco Mouro Castro

Brasil

Querido padre despues de saludarte deseo sin novedad, le mando esta carta para que imediatamente me mande unas letras deciendo como fue el atropello y cuente me la verdad clara, que ya esta avisado Rial que me las entregue a mi en mano y mande outra carta para casa porque aqui el comentario ya es grande y temo a que mama lo sepa por el mundo, le pido no me ponga una cosa por outra que yo yá no llevo mayor choque, y no se fije a que tenga que gastar lo que sea, que a lo mejor en la Orden no lo tratan como pagando particular, constestame em seguida.

Recibe um fuerte abrazo de su hijo,

Segundo Mouro⁴¹

A notícia do atropelo do pai chegou ao conhecimento de Segundo Mouro. A informação foi levada por um vizinho, conhecido como “Rial”, que se encarregava de levar as cartas e notícias de Francisco Mouro no Rio de Janeiro. Um constante vai e vem de informações, um correio informal realizado pelos frequentes retornos dos galegos a suas aldeias.

Quando um emigrante viajava ao Rio de Janeiro, os vizinhos aproveitavam para mandar todo tipo de objetos e notícias para os seus familiares. Foi assim, quando Manoel Mouro Costa partiu, em 1957, para o Rio de Janeiro. O irmão, o filho mais velho, Segundo Mouro, escreveu uma carta para o pai, descrevendo o conteúdo da bagagem:

Vigo, 2/6/1957

Pues padre esta es para decirle que hoy a las siete de la tarde embarco Manolo y CHE do Manchego, lleva el baúl que Vd. decia [...] Manolo lleva vários encargos ya todos llevan el nombre y quien son para Vd. vá 1 lta. Carbonell de 10 lts. Aceite, 4 bttlas de Veterano [...] 10 latitas de pulpo a la primavera [...] ó sea que todas las cosas que van sin nombre son suyas, que las encargas van bien aclaradas con nombre.

[...] hace dos dias que le entregue a los de Mallon las 1,000 pts, también va en el baúl una bolsa con garbanzos y un poco de unto para el Souto ese no lleva nombre creo pero tiene la bolsa por fuera el nombre de Primitiva [...] y de las encargas café, sacos, puros, enfin todo lo que Vd. decia que recibimos todo integro [...].

Segundo Mouro Costa⁴²

Eram pequenos objetos, como “latitas de pulpo” e azeite “Carbonell”, que adquiriam um sabor mais do que especial nas lembranças e saudades daqueles que se encontravam longe da sua terra natal. Na história da emigração galega, os documentos pessoais como cartas e fotos possibilitam a reconstrução de espaços de interação social e a valorização das experiências individuais. As cartas, a mala do retornado que carregava os objetos desejados, transformavam-se em canais de transmissão e preservação da memória e da história desses emigrantes. Conformavam o elo que unia os interesses econômicos, o controle moral e material das famílias que se encontravam divididas em dois lados do oceano e o apoio às cadeias migratórias, através da inserção profissional Segundo Vázquez, “la correspondência y las noticias de los retornados fueron los medios de información que vertebraron las cadenas de emigrantes”.⁴³

⁴¹ Correspondência de Francisco Mouro Castro. Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba). Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba).

⁴² Correspondência de Francisco Mouro Castro. Arquivo familiar de Albina Mouro López (Vilar-Santa Comba).

⁴³ VÁZQUEZ, Alejandro González. La emigración gallega a América, 1830-1930. Tese (Doutorado em Economia). Universidade de Santiago de Compostela, v. 2, 1999. p. 851.

Segundo Núñez Seixas e Raul Soutelo, não é somente a saudade mas sim o fato de ter um lugar para investir os conhecimentos e recursos adquiridos o que estimulou uma parte dos emigrantes a retornar.⁴⁴ Assim ocorreu com Francisco Mouro Castro, quando retornou, já na velhice, à aldeia de Vilar, depois de passar toda a sua vida no Rio de Janeiro. Resolveu se reunir com a esposa quando já estava acomodado, encarregando o filho de cuidar das propriedades no Brasil. Pouco tempo depois, faleceu. O retorno, algo difícil de quantificar nos estudos migratórios, não representa a realidade de toda a emigração. Muitos emigrantes não tiveram a sorte ou a possibilidade de voltar – nem sequer de visita – à sua terra.

Francisco Mouro, pode-se dizer, foi um retornado *xubilados*, segundo tipificação construída por Núñez Seixas para definir os retornados galegos, ou seja, seria o “aposentado”, aquele que regressa com os conhecimentos e as experiências do país de recepção para passar os seus últimos anos de vida.⁴⁵ Durante a sua estada no Brasil, deixou registrados na sua agenda, todos os contatos pessoais e profissionais que travou ao longo de sua experiência migratória, demonstrando ser um homem extremamente disciplinado no que diz respeito aos seus negócios.

O arquivo familiar de Francisco Mouro Castro demonstra mais uma vez a importância da informação no processo migratório, das cadeias familiares e o contato estabelecido entre os retornados com aqueles que permaneciam nas aldeias. Segundo Seixas e Soutelo, acerca da importância dos documentos pessoais:

O que se adoita denominar o retorno do suxeito e da narración á historiografía académica traduciuse, dende a derradeira década do XX, nunha progresiva revalorización dos documentos persoais de natureza oral e escrita, como son os diários, autobiografías, epistolarios e fotografías familiares.⁴⁶

A concentração migratória de determinadas localidades a um destino comum revela uma corrente que, através das cartas familiares e dos fluxos de informação, vai penetrando no interior galego, difundindo as vantagens da emigração. A ligação com a aldeia de origem não foi abandonada por aqueles que tiveram condições de manter o vínculo; e os emigrantes continuavam a receber notícias do comportamento, das transgressões sociais e da venda de suas terras. Os fluxos migratórios, assim, se intensificaram não só em decorrência de fatores econômicos mas também devido às relações microssociais forjadas em espaços menores como podem ser os municípios e até as aldeias. Para esses emigrantes, além do “fazer a América”, consolidar as relações e vínculos no além-mar era preservar o elo com a sua Galiza, as lembranças que havia deixado, assim como a busca de apoio na sociedade carioca, ao lado dos vizinhos, reafirmando a identidade local.

Érica Sarmiento: Doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). Professora adjunta de História da América (UERJ) e professora titular do Programa de mestrado em História do Brasil (Universidade Salgado de Oliveira). Coordenadora do Laboratório de Estudos de Imigração (LABIMI-UERJ).

⁴⁴ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel & SOUTELO, Raul. *As cartas do destino. Unha familia galega entre dous mundos 1919-1971*. Galáxia: Vigo, 2005.

⁴⁵ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *Emigrantes, caciques e indianos*. Vigo: Editora Xerais, 1998. p. 23.

⁴⁶ NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel & SOUTELO, Raul. *As cartas do destino. Unha familia galega entre dous mundos 1919-1971*. Galáxia: Vigo. 2005. p. 28.